

# GOVERNANÇA CORPORATIVA

## RELAÇÕES COM INVESTIDORES

### As Reuniões do Banco Central

Márcio Veríssimo\*

Essa semana surgiu uma polêmica sobre uma reunião fechada que o Banco Central teria feito com cerca de 80 bancos. Tentou-se imprimir a essa notícia um caráter de denúncia, como se essa prática fosse no mínimo imoral e potencialmente até criminosa. Basta comparar com uma companhia aberta e o paralelo mostra-se absolutamente claro e normal.

Toda companhia realiza com seus investidores, com razoável frequência, reuniões para discutir suas expectativas, explicar tendências e suas ações futuras.

No caso do Banco Central, os bancos fazem o papel de investidores, no sentido que seus economistas precisam de informações e expectativas do Bacen para suas projeções sobre a economia e, em última instância, até mesmo como investidores em renda fixa.

Nada mais natural, portanto, que o Banco Central faça o mesmo trabalho que uma companhia aberta e apresente a sua visão.

A própria base de relações com investidores é a idéia de que investidores, sem a melhor informação possível, serão obrigados a usar suas projeções mais conservadoras e penalizar a companhia em sua avaliação. Não acredito que alguém possa defender, portanto, que o Bacen permita que o mercado penalize o governo brasileiro e o Brasil por falta de informações.

Poderia até ser lembrado

que o próprio Banco Central tem uma gerência de Relações com Investidores e, se essas reuniões não foram conduzidas por essa gerência, isso é tão anormal quanto seria um diretor financeiro fazer uma apresentação em um roadshow para seus investidores, ou seja, uma atividade completamente padrão.

Alguém até poderia argumentar que todos investidores deveriam ter acesso às informações passadas nessas reuniões com o mercado, assim como uma companhia faz uma

**Não acredito que alguém possa defender que o Bacen permita que o mercado penalize o governo brasileiro por falta de informações**

teleconferência pública após os resultados, independente de realizar outras reuniões com o mercado.

De fato, essa é uma boa sugestão: realizar uma apresentação pública trimestral (ou até mais frequente) sobre as opiniões e práticas do Bacen.

#### OBJETIVOS CLAROS

Claro que essa apresentação teria sérias limitações. Em primeiro lugar, essas apresentações têm o objetivo claro de apresentar o que o BC está fazendo e não o de colocar em discussão o que está sendo feito pela autoridade monetária.

Então, se alguém acha que o juros deveriam ser mais baixos e gostaria de discutir isso em uma reunião pública, está confundindo bananas e maçãs.

O BC não vai ao mercado perguntar o que fazer, ele vai ao mercado avisar o que pretende fazer, garantir maior transparência, não menos.

Em segundo lugar, pode-se argumentar que isso já é feito, ainda que informalmente. Esses diretores aparecem em palestras, dão entrevistas, apresentam suas visões, ainda que menos aprofundadamente, até pelo fato de falar a um público menos qualificado.

Nesse caso, a crítica válida, inclusive, é que o cenário anunciado é mais positivo do que o real. É verdade, mas também faz parte das atribuições da política monetária garantir certo otimismo ao consumidor, o que dificulta um pouco uma análise mais criteriosa. Talvez se o BC fosse independente, ele se sentisse mais confortável para criticar a posição do Brasil, mas acho que não era isso que estava sendo defendido na "denúncia".

Sugerir mudanças no processo de contato com o mercado é uma atitude válida, é sempre positivo querer aumentar a transparência do mercado. No entanto, demandar mais transparência é uma coisa, sugerir que existe uma prática ilegal de informações privilegiadas é outra. Se fosse o caso de informações privilegiadas, eu estaria aqui pedindo prisões — como fiz na semana passada no caso da Ipiranga — mas informações privilegiadas são trocadas entre duas ou três partes para benefício das mesmas, não em reuniões com 80 instituições diferentes.

Da mesma maneira, sugerir mais informações para o restante do mercado também é po-

sitivo, uma versão para o BC do "fair disclosure" da SEC. No entanto, usar isso para demandar um palco para que certos grupos apareçam reclamando dos juros é simplesmente errado.

Não faz sentido esse pensamento hoje que o BC toma suas decisões "contra o governo" e "a favor do mercado". Se são a favor do mercado, é porque o governo quer assim. O próprio presidente já disse, e seu ministro confirma, que a política econômica é dele e não é de ninguém mais.

O pior cenário seria o governo se abster de realizar reuniões com o mercado, aumentando os riscos percebidos e piorando a avaliação dele sobre o Brasil.

\* consultor, especial para Gazeta Mercantil

E-mail: ri@gazetamercantil.com.br

### DIVULGAÇÃO EXEMPLAR™ EMPRESAS CERTIFICADAS NET SERVIÇOS

#### AGENDA DO INVESTIDOR

	Divulgação de resultados	Teleconferências	Reunião com investidores/analistas
CBD	29/03	02/04	—
Celesc	30/03	—	—
Cemig	30/03	—	—
Copel	—	29/03	—
CSN	—	30/03	—
Eletrobras	—	—	03/04
Energias do Brasil	—	—	28/03
Light	30/03	—	—
Lopes	—	28/03	—
PDG Realty	—	28/03	—
Porto Seguro	—	—	03/04
Renar Maçãs	29/03	—	—
Telemig/ Telenorte	—	28/03	—

Fonte: www.divulgacaoexemplar.com.br